

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

LUIZ CARLOS ALVES*

Decidiu o Centro de Estudos Portugueses prestar homenagem ao Professor Wilton Cardoso de Sousa: toma deste o próprio nome para, com tudo o que este nome significa, garantir uma honrosa identidade à sua biblioteca. É justo que assim proceda, é mais do que razoável que uma instituição saiba reconhecer aqueles que lhe emprestaram sua inteligência e seu trabalho para que pudesse existir e cumprir objetivos.

Sabemos todos o profundo amor que dedica o Prof. Wilton Cardoso à Literatura Portuguesa, à Literatura Brasileira e à língua na qual exercitaram os Trovadores e Camões, Ronald de Carvalho e Machado de Assis. Não só profundo amor, amor comprometido. Compromisso do intelectual que se apaixona, mas sem deixar que a paixão jamais lhe perturbe a lucidez do pesquisador, do entendedor, do "maestro" escritor que tem ciência e estilo para construir obras de alto valor crítico e literário. Compromisso do professor na cátedra universitária, a veicular o saber experimentado, com o fim de transmitir a gerações de estudiosos não apenas a fórmula, mas a essência, não só a obração, mas a ânsia, a paixão do conhecimento.

Suas obras se enumeram por alguns de seus títulos:

Origens da lírica medieval hispânica, Cantigas de seguir, O mito de Natércia na lírica de Camões, Tempo e memória em Machado de Assis, Ditologia léxica.

Enumeradas e lidas, suas obras se admiram pela mestria na exposição, pela inteligência a serviço do trabalho intelectual, pela busca da luz enfim acesa ante nossos olhos de leitores que padecem a angústia fãustica da beleza e da ciência.

E de repente, não somos apenas leitores. Somos discípulos. Eis para nós o mestre. Mais que professor, Mestre Wilton. Mestre Wilton, a quem muitos de nós submetemos o mapa de nossa vida, para que nos ajudasse a encontrar o norte. E com real

*Professor adjunto de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFMG.

certeza, muitas foram as bússolas que bem se orientaram e ajustaram, ainda que outros pólos de atração viessem perturbar, muita vez, o magnetismo da lição recebida.

Eis Mestre Wilton, o que nos deu e nos dá lições!

Uma delas é este nosso Centro de Estudos Portugueses.

Ao propugnar pela sua criação, ao colaborar vivamente com aqueles que foram convocados para fazê-lo funcionar, quando então participa de suas atividades com o ardor jovem de um idealista e a prudência cautelosa que a experiência lhe impõe, o Prof. Wilton Cardoso dá uma lição que explicita o sentido do gesto de preservar um patrimônio cultural que é o cofre no qual se guardam chaves da explicação do que somos, do que temos sido e do que seremos, no curso da História.

Apagou-se, há muito, o estigma da subserviência colonial. Não mais existe razão de conviver com seus efeitos. Parecem sofrer ainda, no entanto, aqueles que entoam o canto de uia-ras da xenofobia mal propositada e, desavindos da verdadeira consciência histórica, alardeiam uma necessidade, a bem dizer masoquista, de malparar raízes que, já de há muito esgotada a seiva da submissão, permanecem vivas, plantadas num vasto mundo, símbolos de um relacionamento civilizado que mais une do que separa brasileiros, portugueses e africanos lusófonos, quando todos esses povos firmam e afirmam, no espaço e no tempo, as dimensões de intransferível identidade cultural.

Não pode, por certo, um cidadão cômico de seu papel de produzir e preservar valores de uma cultura que o integra, qualquer que seja a área específica na qual atue intelectual e vitalmente, não pode, por exemplo, um homem brasileiro que se dedique às atividades literárias, sair por aí a apregoar, para regalo e guádio de informáticos comunitários consumidores de sanduíches culturais, que Luís Vaz de Camões é um estrangeiro e como tal deva ser tratado, e que a nós, brasileiros, na rua ou na universidade, no jornal ou no livro, pouco ou quase nada importa haver para Camões e Gregório de Matos, para Alexandre Herculano e José de Alencar, para Eça de Queirós e Machado de Assis, para Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade, um único e imenso universo configurado na mesma

de Federal de Minas Gerais, à qual dispensou mais de quarenta anos de vida profícua, de trabalho criador, de convivência de sejadada pelos seus alunos e pelos seus colegas. É a força da lei, sabemos todos, mas todos dizemos: não queremos perdê-lo. Contudo, se tivermos compulsoriamente de acompanhar sua última lição universitária, de antemão saberemos que o mestre irá iniciá-la com palavras semelhantes às de um ilustre colega seu, o Professor Vitorino Nemésio, ao despedir-se da Universidade de Lisboa:

"Dou a minha última lição de professor em efetividade e em exercício, segundo a lei. Claro que a lei só tira o exercício ao funcionário: o homem exerce enquanto vive".

Meu caro Mestre Wilton, mestre de nós todos:

Todos nós lhe entregamos, neste instante, um pouco mais do que uma simples placa a registrar uma homenagem.

Entregamos-lhe, reconhecidos, nosso abraço e nossos agradecimentos, neste 10 de setembro de 1986.